

1 JUL 1981 *Economia - Brasil*

Senna defende a eliminação da defasagem cambial no País

GAZETA MERCANTIL

"Não estamos desvalorizando o cruzeiro em nível suficiente em relação ao dólar. Por outro lado, a forte valorização da moeda norte-americana no confronto com as demais moedas contribui para agravar a situação, prejudicando o poder de competição em outros mercados, especialmente nos países da Europa e no Japão."

Esta é, em síntese, a opinião de José Júlio Senna, professor da Fundação Getúlio Vargas, no boletim de junho do Escritório Levy. Segundo o economista, o controle monetário posto em prática pelo governo precisa ser complementado por medidas para eliminar a defasagem cambial, sob pena de se prejudicar o desempenho das exportações. O restabelecimento dos subsídios às exportações de manufaturados, na verdade, teria sido um passo nesse sentido. Mas, como afirma Senna, o nível elevado da defasagem cambial e a previsão de redução gradual do subsídio até a completa eliminação em 1983 "geram alguma incerteza quanto ao comportamento futuro das políticas cambial e comercial".

A melhor solução para o problema, acrescenta Júlio Senna, seria a aceleração das minidesvalorizações cambiais, em combinação com os subsídios às vendas externas. A política de des-

valorizar o cruzeiro com base na variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor preocupa o economista: "Caso o governo procure manter esse tipo de paridade, os problemas, no tocante ao comércio exterior, se agravarão". Sua sugestão é de que a desvalorização cambial acompanhe a inflação interna medida pelo Índice de Preços por Atacado (IPA), da Fundação Getúlio Vargas. Esse indicador seria sugerido por se aproximar mais do comportamento de custo de produção das empresas.

SOLUÇÕES FALHAS

Em sua análise, José Júlio Senna repele soluções como as do câmbio duplo, dólar-referência, dólar-exportação ou maxidesvalorização cambial. O câmbio duplo, afirma, que envolve a criação de taxas especiais para operações comerciais e financeiras, suscitaria pressões externas, porque a prática é condenada pela comunidade internacional (Fundo Monetário). Além disso, daria margem a distorções e fraudes. Exemplo típico seria o comportamento de importadores que poderiam inventar financiamentos externos com "acertos" de preços por fora.

O dólar-referência consistiria na criação de um dólar (de referência) para o pagamento da dívida externa já contratada, ao mesmo

tempo que se promove ria forte desvalorização na taxa oficial. A partir da introdução do sistema, tanto a nova taxa de câmbio oficial como a antiga sofreriam minidesvalorizações normais. A principal dificuldade do sistema, segundo o economista, seria representada pelo grande volume de subsídio que demandaria. Além disso, a taxa de câmbio mais baixa acabaria tendo de ser ajustada para cima e, quando os agentes econômicos percebessem essa possibilidade, estaria prejudicada a captação externa de recursos financeiros.

DEFASAGEM

Descartadas essas soluções, Júlio Senna fixa-se na necessidade de acelerar as minidesvalorizações. Embora isso já tenha ocorrido a partir do início de 1981, afirma, o valor médio do cruzeiro no primeiro trimestre do ano, considerada a variação do IPA, estava ainda cerca de 3% aquém do valor médio observado no último trimestre de 1980. "A partir de meados do ano passado, entretanto, o dólar vem revelando significativo fortalecimento nos mercados internacionais, o que torna relevante o cálculo do comportamento do cruzeiro em face das moedas de outros países, especialmente as de nossos mais importantes parceiros comerciais."